

MONTINEGRO, Maria do Socorro Suzano. *Missa do Galo*, de Machado de Assis, e a avaliatividade implícita sob o enfoque da linguística sistêmico-funcional. *Revista Intercâmbio*, v.LI: 01-15, 2022. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

<https://doi.org/10.23925/2237.759X.2022V51.e55927>

MISSA DO GALO, DE MACHADO DE ASSIS, E A AVALIATIVIDADE IMPLÍCITA SOB O ENFOQUE DA LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL

MISSA DO GALO, BY MACHADO DE ASSIS, AND THE IMPLIED EVALUATIVITY A SYSTEMIC-FUNCTIONAL LINGUISTICS APPROACH

Maria do Socorro Suzano MONTINEGRO
(Pontifícia Universidade Católica – PUC/SP)
suzanasun@hotmail.com

RESUMO: *Missa do Galo*, conto de Machado de Assis, trata do diálogo entre Nogueira, um jovem pensionista, e Conceição, a hospedeira, em uma noite de Natal em que uma simples conversa pode apresentar um jogo sublime e indireto, aparentemente banal, mas que intriga Nogueira. O objetivo deste artigo é a análise crítica das escolhas lexicogramaticais feitas no conto, a fim de desvendar o que subjaz ao diálogo entre as personagens. A análise tem o apoio da Linguística Sistêmico-Funcional, uma proposta teórico-metodológica que relaciona a microestrutura das escolhas feitas no texto à macroestrutura das motivações, propósitos e suposições implícitas no discurso.

PALAVRAS-CHAVE: *Missa do Galo*; Escolhas lexicogramaticais; Linguística Sistêmico-Funcional; Linguística Crítica.

ABSTRACT: *Missa do Galo*, a short story by Machado de Assis, deals with the dialogue between Nogueira, a young pensioner, and Conceição, the hostess, on a Christmas night in which a simple conversation can present a sublime and indirect game, apparently banal, but that intrigues Nogueira. The purpose of this article is to critically analyze the lexicogrammatical choices made in the short story in order to unravel what underlies the dialogue between the characters. The analysis relies on Systemic-Functional Linguistics, a theoretical-methodological proposal that relates the microstructure of textual choices to the macrostructure of motivations, purposes and implicit assumptions in discourse.

KEYWORDS: *Missa do Galo*; Lexicogrammatical choices; Systemic-Functional Linguistics; Critical Linguistics.

1. Introdução

O conto *Missa do Galo*, de Machado de Assis, narra o diálogo entre Nogueira, um jovem pensionista de 17 anos de idade, e Conceição, a hospedeira, de 30 anos, em uma noite de Natal. A conversa envolve um jogo delicado e indireto, aparentemente banal, mas que intriga o rapaz. Supõe-se que nada tenha acontecido entre os dois, mas a genialidade de Machado de Assis convida-

nos a ler o texto na sua subjacência. A procura de um sentido implícito no texto, mas talvez presente no discurso, exige o apoio de teorias que possibilitem essa relação, isto é, encontrar nas escolhas lexicogramaticais feitas pelo autor a sua camuflada intenção.

A propósito, segundo Kitis e Milapides (1997) e Li (2010), embora se afirme que a Linguística Crítica deva examinar a língua como discurso; como texto dentro de condições sociais de produção e de interpretação para ser independentemente identificado e examinado (FAIRCLOUGH, 2001; HODGE; KRESS, 1988), pode-se também chegar a essas condições por meio da análise da linguística crítica, empregando todos os métodos e instrumentos que a disciplina oferece.

Nesse contexto, Li (2010) sugere que a visão funcional da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), das escolhas linguísticas como índices de significados, oferece um instrumento analítico específico para o exame sistemático das motivações, propósitos, suposições e interesse do produtor do texto. Com seu enfoque na seleção, categorização e ordenação do significado no nível da oração mais do que no macronível do discurso, a LSF é especialmente útil para uma análise sistemática ao focar os traços linguísticos no micronível dos textos.

O objetivo deste artigo é a análise crítica das escolhas lexicogramaticais feitas no conto *Missa do Galo*, com a finalidade de desvendar o que subjaz ao diálogo que reuniu Conceição e Nogueira na véspera do Natal. A pesquisa examina duas dimensões da gramática da oração: transitividade e avaliatividade, associadas respectivamente com as funções ideacional e interpessoal da LSF, complementadas pelos conceitos de *frame* e de intersubjetividade.

Para tanto, o artigo procura responder às seguintes perguntas: (a) o que podem as escolhas lexicogramaticais feitas por Machado de Assis em *Missa do Galo*, em termos das metafunções ideacional e interpessoal, revelar sobre o diálogo entre Conceição e Nogueira? (b) qual é o papel da leitura relacional e das metarrelações nesse processo? (c) que importância tem a teoria do *frame* e de intersubjetivismo para explicar o comportamento dos protagonistas?

Enfim, entre os muitos estudos que envolvem *Missa do Galo*, não se tem conhecimento de pesquisa que tenha focalizado as escolhas lexicogramaticais do conto, para tentar vislumbrar o envolvimento que uniu Conceição e Nogueira naquela véspera de Natal. Se a literatura é a arte da palavra, é na palavra – na sua parte mais tangível, mas também nas indefinições que necessariamente a cercam – que a análise deve considerar na busca do significado, ou dos significados sempre possíveis. Afinal, o que Machado quis dizer em *Missa do Galo*?

2. Apoio teórico

Este capítulo apresenta as teorias que servirão de apoio à análise de *Missa do Galo*: Linguística Sistêmico-Funcional, abrangendo a modalidade e a avaliatividade; Linguística Crítica, *frame* e intersubjetivismo.

2.1. Linguística Sistêmico-Funcional

Para a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), a língua está estruturada para construir três tipos de significados – ou metafunções: ideacional, interpessoal e textual, que entram simultaneamente no texto graças a um nível intermediário de codificação: a lexicogramática. As metafunções entram no texto por meio das orações mediante escolhas feitas no sistema linguístico. Em resumo, a LSF procura desenvolver uma teoria sobre a língua como um processo social e uma metodologia que permita uma descrição detalhada e sistemática dos padrões linguísticos.

A metafunção ideacional expressa a informação (HALLIDAY,1994), e está ancorada no sistema da transitividade, composta de processo (grupo verbal); participantes (grupo nominal) e circunstâncias (grupos adverbiais ou frases preposicionais).

Há seis categorias de processos, cada uma associando-se a participantes específicos, ou seja: *materiais* (representam a experiência externa); *mentais* (representam a experiência interna); *relacionais* (referem-se à identificação e à caracterização dos participantes); *comportamentais* (referem-se à manifestação de atividades psicológicas), *verbais* (manifestação de atividades linguísticas dos participantes) e *existenciais* (representam a existência dos seres).

A metafunção interpessoal envolve as relações sociais com respeito à função da oração na interação, envolvendo os papéis de fala fundamentais na interação, que são apenas dois para Halliday (1994): *dar* e *pedir* informação ou bens & serviços. Para a realização dessa troca, metafunção interpessoal vê a oração dividida em duas partes essenciais: *mood*¹ (incluindo: sujeito e finito) e resíduo (incluindo: predicador, complemento e adjunto).

O finito liga a proposição ao seu contexto no evento da fala; ele traz a proposição para a realidade, de modo que ela possa ser objeto de discussão. Isto pode ser feito de dois modos na oração: (a) pela referência ao tempo da fala (tempo primário); (b) pela referência ao julgamento do falante (modalidade), exemplificados no Quadro 1 (a desinência “ou”, indicando tempo e modo verbais; “deve” (modalidade):

Quadro 1 – Tempo primário e modalidade

| TEMPO PRIMÁRIO | MODALIDADE |
|--------------------------------------|--|
| João compr <u>OU</u> o livro na PUC. | João <u>DEVE</u> comprar o livro na PUC. |

O *mood* inclui a *modalidade*, definidos respectivamente, como:

(a) o *mood* é o recurso gramatical para se realizar movimentos interativos no diálogo (MARTIN, MATTHIESSEN, PAINTER, 1997). Esse sistema apresenta alternativas para a realização da interação (por meio dos modos declarativo, imperativo e interrogativo).

¹*Mood* tem sido traduzido por Modo (com inicial maiúscula). Mantivemos o termo inglês para evitar confusão como Modo (variável de registro) em início de sentença.

(b) a *modalidade* expressa significados relacionados ao julgamento do falante em diferentes graus sobre o conteúdo da mensagem, abrangendo:

(i) *modalização*: probabilidade (e.g. *talvez, pode ser*) e frequência (e.g. *sempre, nunca*) – quando se refere à proposição (troca de Informação);

(ii) *modulação*: obrigação (e.g. *deve, precisa*) e desejabilidade (e.g. *quer. almeja*) – quando se refere à proposta (troca de bens & serviços).

A seguir, será apresentada a noção de avaliatividade, que ampliou o alcance da metafunção interpessoal.

2.2. Avaliatividade (*Appraisal*)

Segundo Martin (2000), o que tendeu a ser omitido pelas abordagens da LSF, foi a semântica da avaliação – como os interlocutores estão se sentindo; os julgamentos que fazem; e a apreciação de vários fenômenos de sua experiência. O sistema para descrever essa área de significado potencial foi chamado de avaliatividade (tradução de *appraisal*). A avaliatividade abrange três subsistemas: *atitude, engajamento e graduação*.

O subsistema da *atitude* envolve: afeto, julgamento, apreciação e avaliação social. O afeto envolve um conjunto de recursos linguísticos para avaliar a experiência em termos afetivos; o julgamento envolve significados que servem para avaliar eticamente o comportamento humano com referência a normas que regem como as pessoas devem ou não agir; a apreciação constrói a qualidade estética dos processos semióticos do texto e fenômenos naturais, incluindo a avaliação social, que se refere à avaliação de produtos, atividades, processos ou fenômenos sociais.

O subsistema da *graduação* envolve um conjunto de recursos para aumentar ou diminuir a intensidade da avaliação.

O subsistema do *engajamento* é um conjunto de recursos que capacita o escritor (ou o falante) a tomar uma posição pela qual sua audiência é construída como partilhando a mesma e única visão de mundo (monoglossia) ou, por outro lado, a adotar uma posição que explicitamente reconhece a diversidade entre várias vozes (heteroglossia).

Martin (2000) postula uma distinção importante entre avaliatividade explícita e implícita. Nesse contexto, o autor fala em pareamento do significado ideacional com o interpessoal presente na avaliação na linguística. Assim, significados ideacionais que não usam léxico avaliativo podem ser usados para evocar apreciação, afeto e julgamento.

2.2.1. A Leitura Relacional e as Metarrelações

Na pesquisa de Macken-Horarik (2003), há dois aspectos da axiologia textual relevantes a uma explicação do destinatário da narrativa. Primeiro, o leitor é convidado a uma posição de empatia ou, ao menos, de compreensão das motivações de um dado personagem. Segundo, espera-se que o leitor assuma uma postura de percepção/julgamento dos valores éticos adotados por um determinado personagem. A autora sugere que a narrativa ensina por meio de

dois tipos de subjetividade – intersubjetividade (a capacidade de “sentir com” (Macken-Horarik, 2003: 287) um personagem) e a *supersubjetividade* (a capacidade de “supervisionar” um personagem e avaliar eticamente suas ações).

A autora fala também em *leitura relacional* da narrativa como um todo e que precisa ser feita por meio de um processamento passo a passo do texto. Uma interpretação bem-sucedida, então, dependeria de duas habilidades: (a) processar as palavras do texto dinamicamente; e (b) construir a relação semântica de cada fase com outra.

Os leitores também são sensíveis a complexos de significado atitudinal e aos modos como se confirmam, opõem-se ou transformam escolhas de palavras de outros locais do texto. Essas configurações de escolhas avaliativas relevantes criam a “ressonância” (Thompson, 1998) – uma harmonia de significados que é um produto de uma combinação de escolhas não identificáveis com qualquer outra escolha, se consideradas isoladamente. A percepção ética referente a um texto, diz a autora, é o resultado de um conjunto de relações semânticas – ou metarrelações – juntamente com as que cocriam empatia. Para tornar-se “meta”(MACKEN-HORARIK, 2003: 307) do significado, as relações semânticas precisam relacionar-se e harmonizar-se com as metarrelações em algum lugar no texto, conforme o Quadro 2:

Quadro 2 - Avaliatividade interna e externa

| Metarrelação | Significado Semântico |
|---------------------|--|
| Confirmação | Fase que cria equivalência com fases anteriores por meio de Avaliatividade semelhante. |
| Oposição | Fase que cria contraste com fases anteriores por meio de Avaliatividade de oposição. |
| Transformação | Fase que cria mudança com fases anteriores por meio de mudança nas escolhas de Avaliatividade. |
| Avaliação interna | Fase que projeta visão interior e sentimentos do personagem. |
| Avaliação externa | Fase que verbaliza as visões e os sentimentos do personagem. |

Fonte: Macken-Horarik (2003)

Assim, pode-se ver os modos pelos quais as combinações de escolhas conspiram, para criar atitudes específicas no leitor conforme ele processa o texto.

2.3. *Frame*

Bednarek (2005) explica a aplicação de *frames* ao discurso pelo ouvinte – estruturas mentais de conhecimento que captam as feições típicas de uma situação para garantir a coerência. Segundo a autora, depois da reviravolta cognitiva de 1980, a linguística moderna tem favorecido cada vez mais uma abordagem da linguagem baseada na experiência de mundo e no modo como o percebemos e o conceitualizamos, i.e., a abordagem da linguística cognitiva (UNGERER; SCHMID, 1996).

De acordo com Minsky (1977), um *frame* pode ser considerado uma

representação mental do nosso conhecimento de mundo, uma estrutura de dados que está localizada na memória humana e pode ser selecionada ou recuperada quando necessária.

2.4. Intersubjetividade

Kärkkäinen (2006) procura demonstrar que o posicionamento atitudinal/avaliativo no discurso emerge da interação dialógica entre interlocutores, afastando-se da ideia de que ele possa ser considerado uma apresentação linguística transparente de estados internos de conhecimento. Dessa forma, a atitude é mais apropriadamente compreendida do ponto de vista da intersubjetividade do que como uma dimensão subjetiva da linguagem.

A subjetividade refere-se ao fenômeno que o falante, com suas atitudes ou crenças, faz-se presente nos enunciados que produz. Em outras palavras, em vez de simplesmente descrever um evento ou apresentar uma declaração objetiva de algum evento ou estado de coisas, o falante representa um evento ou estado de coisas a partir de uma perspectiva específica.

O autor considera uma visão de avaliação mais dialógica, dinâmica e emergente. Ele se baseia no trabalho de Du Bois (2000, 2002, 2004) que advoga a noção de avaliação envolvendo não somente a dimensão subjetiva, mas também o compromisso intersubjetivo com outras subjetividades: "sem a intersubjetividade, a subjetividade é inarticulada, incoerente, disforme" (DU BOIS, 2004: 704).

2.5. Linguística Crítica

A Linguística Crítica é uma abordagem que foi desenvolvida por um grupo da Universidade de East Anglia na década de 1970 (FOWLER et al., 1979; KRESS; HODGE, 1979). Segundo Halliday (1978), os linguistas tentaram casar um método de análise linguística textual com uma teoria social da linguagem em processos políticos e ideológicos, recorrendo à Linguística Sistêmico-Funcional.

O ponto teórico principal na análise de Fowler (1991) é de que "*qualquer*² aspecto da estrutura linguística carrega significação ideológica" (FOWLER 1991, p.67) - seleção lexical, opção sintática, etc. - todos têm sua razão de ser. Há sempre modos diferentes de dizer a mesma coisa, e esses modos não são alternativas acidentais. Diferenças em expressão trazem distinções ideológicas (e assim diferenças de representação).

Para Fowler, na medida em que há, sempre, valores implicados no uso da língua, deve ser justificável praticar um tipo de linguística direcionada para a compreensão de tais valores. Esse é o ramo que se tornou conhecido como "Linguística Crítica".

² Itálico no original

3. Metodologia

Trata-se de um estudo de caso, uma pesquisa que examina uma unidade, cujos limites são esclarecidos em termos de resposta a perguntas feitas, de fontes de dados usadas, e do contexto envolvido (HOLLOWAY, 1997). A pesquisa tem o apoio da Linguística Sistêmico-Funcional, uma proposta teórico-metodológica de Halliday (1994), que possibilita relacionar as escolhas léxico-gramaticais do texto à estrutura da ideologia e das relações de poder do discurso. A análise busca os significados explícitos e implícitos no texto, examinando, nas escolhas lexicogramaticais feitas pelo autor na microestrutura do texto, a fim de resgatar sua verdadeira intenção discursiva.

3.1 Dados

O conto *Missa do Galo*, de Machado de Assis, encontra-se no livro *Melhores Contos Machado de Assis*, publicado em 2010, com 2ª reimpressão em 2012, pela editora Global Editora, São Paulo/SP, 16ª edição, nas páginas 250 a 258.

Missa do Galo

Missa do Galo relata o diálogo, numa noite de Natal, entre um jovem e uma senhora casada e traída pelo marido. A história é contada sob a ótica do jovem Nogueira, intrigado com a conversa, ao mesmo tempo banal e misteriosa, envolta num clima de sensualidade. Aparentemente nada acontece objetivamente entre os dois, mas o autor parece-nos querer dizer que, onde nada acontece, tudo pode estar acontecendo subjetivamente e, para que o percebamos, é preciso apurar os ouvidos e ler nas entrelinhas as marcas do desejo não explícito.

Segundo Moisés (2004), além do realismo positivista ou realismo exterior, voltado para o meio social, há o realismo interior, uma vertente complementar, na qual o foco está voltado para o íntimo das personagens. Seria uma ação interna (Moisés, 2007) aquela que se passa na consciência ou/e na subconsciência de uma personagem, e transparece numa conversa sem sentido, de palavras espaçadas

3.2 Procedimentos de Análise

O conto, levando-se em toda sua extensão, será dividido em duas partes:

- (a) a parte que serve de cotexto, indicada em Verdana 9;
- (b) a parte analisada, indicada em Verdana 12, dentro de um quadro;
- (c) a análise será feita em Verdana 8: a metafunção ideacional entre colchetes e a avaliatividade, em negrito, entre parênteses.
- (d) segue-se a discussão sobre a análise feita.

4. Análise e discussão dos resultados

MISSA DO GALO

Machado de Assis

Nunca (modulação de frequência) pode ENTENDER [mental] a conversação [fenômeno] que tive com uma senhora, há muitos anos, CONTAVA [relacional] eu dezessete, ela trinta [atributos].

Discussão: O conto inicia-se com as circunstâncias que fazem com que duas pessoas – ele (Nogueira) com 17 e ela (Conceição) com 30 anos de idade – passem juntas parte de uma noite. “Nunca pode entender” antecipa o aparente desencontro entre a interpretação do rapaz diante da situação que os envolveu e a intenção da mulher.

Cotexto: Era noite de Natal. Havendo ajustado com um vizinho irmos à missa do galo, preferi não dormir; combinei que eu iria acordá-lo à meia-noite. [...]

Boa Conceição! Chamavam-lhe "a santa", e fazia jus ao título, tão facilmente suportava os esquecimentos do marido. Em verdade, era um temperamento moderado, sem extremos, nem grandes lágrimas, nem grandes risos. No capítulo de que trato dava para maometana; aceitaria um harém, com as aparências salvas. Deus me perdoe, se a julgo mal.

Tudo nela ERA [relacional] **atenuado e passivo** [atributo] (**juízo- token**). O próprio rosto ERA [relacional] mediano, **nem bonito nem feio** [atributo] (**apreciação-**). ERA [relacional] o que chamamos uma pessoa **simpática** [atributo] (**apreciação- token**). Não DIZIA mal [= maldizia - verbal] de ninguém, PERDOAVA [mental] **tudo** (**Juízo- token**). Não sabia ODIAR [mental] (**Juízo- token**); pode ser até que não SOUBESSE [mental] (**Juízo- token**) AMAR [mental] (**Juízo- token**)

Discussão: Processos relacionais fazem a descrição de Conceição, enquanto processos mentais mostram a sua passividade, sua personalidade morna. Vários *tokens* mostram que Machado de Assis caracteriza a mulher com avaliatividades de Apreciação (avaliação estética) e de Juízo (avaliação ética) negativos, em geral *tokens*, ou seja, negativos no contexto. Tudo indica uma mulher pouco atraente em termos sensuais, e daí talvez o desinteresse do marido; também não exerce qualquer atração nesse sentido em Nogueira, ao menos inicialmente.

Cotexto: Naquela noite de Natal foi o escrivão ao teatro. Era pelos anos de 1861 ou 1862. Eu já devia estar em Mangaratiba, em férias; mas fiquei até o Natal para ver "a missa do galo na Corte". A família recolheu-se à hora do costume; eu meti-me na sala da frente, vestido e pronto. Dali passaria ao corredor da entrada e sairia sem acordar ninguém. Tinha três chaves a porta; uma estava com o escrivão, eu levaria outra, a terceira ficava em casa.

[...]

Conceição entrou na sala, arrastando as chinelinhas da alcova. Vestia um roupão branco, mal apanhado na

MONTINEGRO, Maria do Socorro Suzano. *Missa do Galo*, de Machado de Assis, e a avaliatividade implícita sob o enfoque da linguística sistêmico-funcional. *Revista Intercâmbio*, v.LI: 01-15, 2022. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

cintura. Sendo magra, tinha um ar de visão romântica, não disparatada com o meu livro de aventuras. Fechei o livro, ela foi sentar-se na cadeira que ficava defronte de mim, perto do canapé. Como eu lhe perguntasse se a havia acordado, sem querer, fazendo barulho, respondeu com presteza:

— Não! Qual! Acordei por acordar.

Fitei-a um pouco e duvidei da afirmativa. Os olhos não eram de pessoa que acabasse de dormir; pareciam não ter ainda pegado no sono.

Essa observação, porém, que VALERIA [mental] alguma coisa **em outro espírito** [circunstância] (**Julgamento- token**), depressa a botei fora, sem **ADVERTIR** [mental] que talvez **não** DORMISSE [mental] **justamente** [circunstância] (**probabilidade**) por minha causa, e MENTISSE [verbal] (**juízo-**) para me não **AFLIGIR** ou **ABORRECER** (**juízo+**). Já DISSE que ela ERA **boa, muito boa** (**juízo+**).

Discussão: Nogueira duvida das palavras de Conceição, num processo de leitura relacional iniciado em: “Nunca pude entender”. Assim, sua afirmação de que “valeria alguma coisa em outro espírito” mostra que ele não consegue atinar exatamente a situação. De um lado a personalidade de Conceição, “boa, muito boa”, mas, de outro, alguma coisa o perturba, chegando a se culpar pela insônia da mulher.

Cotexto: - Mas a hora já há de estar próxima, disse eu.

— Que paciência a sua de esperar acordado, enquanto o vizinho dorme! E esperar sozinho!

- Não tem medo de almas do outro mundo? Eu cuidei que se assustasse quando me viu.

— Quando ouvi os passos estranhei: mas a senhora apareceu logo.

— Que é que estava lendo? Não diga, já sei, é o romance dos Mosqueteiros.

— Justamente: é muito bonito.

— Gosta de romances?

— Gosto.

— Já leu a Moreninha?

— Do Dr. Macedo? Tenho lá em Mangaratiba.

— Eu gosto muito de romances, mas leio pouco, por falta de tempo. Que romances é que você tem lido? Comecei a dizer-lhe os nomes de alguns nomes.

Conceição OUVIA [mental] -me com a cabeça reclinada no espaldar, ENFIANDO [material] os olhos [meta] por entre as pálpebras meio-cerradas [circunstância], sem os TIRAR [material] de mim [meta]. De vez em quando PASSAVA [material] a língua [meta] pelos beijos [circunstância], para UMEDECÊ-los [material]. Quando ACABEI de FALAR (= calei-me) [verbal], não me DISSE [verbal] nada; FICAMOS [relacional] assim alguns segundos. Em seguida, VI [mental]-a [fenômeno] ENDIREITAR [material] a cabeça, CRUZAR [material] os dedos [meta] e sobre eles POUSAR [material] o queixo [meta], tendo os cotovelos nos braços da cadeira, tudo sem DESVIAR [material] de mim [meta] os grandes olhos espertos [meta].

Discussão: Nogueira descreve o comportamento de Conceição e o faz sem tecer nenhuma avaliatividade a esse respeito. Assim é porque em seu *frame* a atitude

da mulher não representa nada além do significado ideacional – a descrição dos fatos – deixando de transmitir o conteúdo interacional de convite implícito. No caso, a imagem que ele tem de Conceição, fruto da metarrelação, é de uma mulher bondosa, sem grandes atrativos e, por outro lado, sua mente está mais ocupada com a expectativa da missa do galo, que irá assistir.

Cotexto: "Talvez esteja aborrecida", pensei eu.

E logo alto:

— D. Conceição, creio que vão sendo horas, e eu...

— Não, não, ainda é cedo. Vi agora mesmo o relógio, são onze e meia. Tem tempo. Você, perdendo a noite, é capaz de não dormir de dia?

— Já tenho feito isso.

— Eu, não, perdendo uma noite, no outro dia estou que não posso, e, meia hora que seja, hei de passar pelo sono. Mas também estou ficando velha.

— Que velha o que, D. Conceição?

[...]

Quando eu alteava um pouco a voz, ela reprimia-me:

— Mais baixo! Mamãe [Experienciador] **pode** (modalização de probabilidade) ACORDAR [mental]. E não saía daquela posição, que me **ENCHIA de gosto** (afeto+), tão **perto** [atributo] FICAVAM [relacional] as nossas caras [portador]. Realmente, não era preciso falar alto para ser ouvido: **COCHICHÁVAMOS** [verbal] (apreciação +) OS dois, eu mais que ela, porque falava mais; ela, às vezes, FICAVA séria, **muito séria** [atributo] (apreciação- token), com a testa um pouco franzida. Afinal, **CANSOU** [atributo] (apreciação- token), TROCOU de atitude e de lugar. Deu volta à mesa e veio sentar-se do meu lado, no canapé. []

Discussão: No colóquio entre Conceição e Nogueira, a mulher, devido à intenção que tem, teme acordar a mãe, e, assim, não poder continuar a tentar o rapaz; já Nogueira, inexperiente diante da situação que se forma, apenas aprecia a proximidade do seu rosto com o de Conceição, mas não consegue captar o convite que ela lhe estende. Por fim, a “testa franzida” demonstra a impaciência de Conceição diante da incapacidade de Nogueira em decifrar seus sinais. Em termos da intersubjetividade, percebe-se que, por parte de Nogueira, há uma incapacidade de adivinhar os desejos de Conceição e, assim, satisfazê-la.

Cotexto: Voltei-me e pude ver, a furto, o bico das chinelas; mas foi só o tempo que ela gastou em sentar-se, o roupão era comprido e cobriu-as logo. Recordo-me que eram pretas. Conceição disse baixinho:

— Mamãe está longe, mas tem o sono muito leve, se acordasse agora, coitada, tão cedo não pegava no sono.

— Eu também sou assim.

— O quê? Perguntou ela inclinando o corpo, para ouvir melhor.

Fui sentar-me na cadeira que ficava ao lado do canapé e repeti-lhe a palavra. Riu-se da coincidência; também ela tinha o sono leve; éramos três sonos leves.

[...]

Uma das que ainda tenho frescas é que, em certa ocasião, ela, que ERA **apenas simpática** (apreciação-) (gradação de força menor), ficou linda, FICOU [relacional] **lindíssima** (apreciação+) (gradação de força maior). Estava de pé, os braços cruzados; eu, em **respeito** (julgamento- token) a ela, **quis** [comportamental] (modulação de desejabilidade) LEVANTAR [material] -me; não CONSENTIU, pôs [material] uma das mãos [meta], e obrigou-me a estar sentado (= sentar-me). Cuidei que ia DIZER [verbal] alguma coisa; mas ESTREMECEU [comportamental], como se TIVESSE um arrepio de frio [atributo] VOLTOU [material] as costas [meta] e FOI SENTAR [material] -se na cadeira, onde me achara lendo.

Discussão: Inebriado pela presença próxima da mulher, Nogueira experiencia sensações que transformam a realidade de maneira inexplicável: Conceição surge-lhe belíssima, extremamente atraente. Mesmo assim, enquanto a mulher acena-lhe sensualmente convidativa, Nogueira ainda permanece na descrição ideacional, sem enxergar além dessa etapa, incapaz de avaliar o que vai na subjacência da função interpessoal.

Sem conseguir captar o que lhe sugere o intersubjetivismo, o rapaz está mais preocupado com o respeito a ela; não entende o significado das mãos que o obrigam a sentar; confunde o estremeimento da paixão com o de um arrepio de frio; e, finalmente, não percebe que Conceição está dando por encerradas as suas tentativas de conquista amorosa, quando vira as costas e se afasta.

Cotexto: Dali relanceou a vista pelo espelho, que ficava por cima do canapé, falou de duas gravuras que pendiam da parede.

— Estes quadros estão ficando velhos. Já pedi a Chiquinho para comprar outros.

[...].

- Precisamos mudar o papel da sala, disse daí a pouco, como se falasse consigo.

CONCORDEI [verbal], para DIZER alguma coisa, para SAIR [material] da espécie de **sono magnético** (apreciação- token), ou o que quer que ERA que me **TOLHIA** [comportamental] **a língua e os sentidos** [alcance] (afeto- token). **Queria** (modulação de desejabilidade) e **não queria** (modulação de indesejabilidade) ACABAR [verbal] a conversação [verbiagem]; FAZIA esforço (esforçava-me) para ARREDAR [material] os olhos dela, e ARREDAVA-os por um sentimento de respeito (julgamento- token); mas a ideia de PARECER que ERA aborrecimento [atributo] (apreciação-), quando não ERA, LEVAVA-me os olhos (=olhava) [mental] **outra vez** [circunstância] (modalização de frequência) **para Conceição** [fenômeno] (afeto+). A conversa ia morrendo (= morria) [existencial]. Na rua, o **silêncio** [portador] **ERA** [relacional] **completo** [atributo].

Discussão: Nogueira tem em seu *frame* uma imagem de Conceição, que não se coaduna com o comportamento que ela adota agora. Essa incoerência de atitude, entre o esperado e o novo, transparece na atitude confusa do rapaz, tomado por sentimentos inesperados: queria e não queria, arredava ou não os olhos da mulher, entre a preocupação de respeito a ela e de não lhe parecer aborrecido. E o silêncio do desencontro caiu sobre eles também.

Cotexto: Chegamos a ficar por algum tempo, — não posso dizer quanto, — inteiramente calados. O rumor único e escasso, era um roer de camundongo no gabinete, que me acordou daquela espécie de sonolência; quis falar dele, mas não achei modo. Conceição parecia estar devaneando.

Subitamente, ouvi uma pancada na janela, do lado de fora, e uma voz que bradava: "Missa do galo! Missa do galo!"

— Aí está o companheiro, disse ela levantando-se. Tem graça; você é que ficou de ir acordá-lo, ele é que vem acordar você. Vá, que hão de ser horas; adeus.

— Já serão horas? perguntei.

— Naturalmente

— Missa do galo! — repetiram de fora, batendo.

— Vá, vá, não se faça esperar. A culpa foi minha. Adeus até amanhã.

E com o mesmo balanço do corpo, Conceição enfiou pelo corredor dentro, pisando mansinho. Saí à rua e achei o vizinho que esperava. Guiamos dali para a igreja. Durante a missa, a figura de Conceição interpôs-se mais de uma vez, entre mim e o padre; fique isto à conta dos meus dezessete anos. Na manhã seguinte, ao almoço falei da missa do galo e da gente que estava na igreja sem excitar a curiosidade de Conceição. Durante o dia, achei-a como sempre, natural, benigna, sem nada que fizesse lembrar a conversação da véspera. Pelo Ano-Bom fui para Mangaratiba. Quando tornei ao Rio de Janeiro em março, o escrivão tinha morrido de apoplexia. Conceição morava no Engenho Novo, mas nem a visitei nem a encontrei. Ouvi mais tarde que casara com o escrevente juramentado do marido.

4.1. Discussão da análise

Missa do Galo é um conto intrigante, que trata de uma situação até muito comum, envolvendo mulher madura e rapaz inexperiente nos assuntos do amor. Porém, o modo como Machado de Assis traça aos poucos a personalidade de cada um dos protagonistas – Conceição e Nogueira – pode-se ver o encontro de duas pessoas que em situações normais, não se teriam encontrado como aconteceu na noite da missa do galo.

Conceição, a mulher "nem bonita nem feia", traída pelo marido, submissa ao seu papel de mulher e esposa, suporta tudo, mas em seu coração havia o desejo de ser amada, que fosse por uma noite. Porém seus poucos atrativos não conseguem atrair o jovem Nogueira. Este, vindo de outro mundo, muito diferente do cotidiano da dona da pensão, está mais interessado em suas leituras e, assim, é tomado, por dúvidas diante da situação que o intriga e que nunca conseguirá entender. Seus conhecimentos, seu *frame*, não contavam com a nova situação, mas que, aos poucos o envolvem, deixando-o mais confuso diante das atitudes de Conceição.

A análise contou com as metafunções ideacional e interpessoal (envolvendo a avaliatividade), com as quais foi possível caracterizar o que era fruto da descrição somente dos acontecimentos (ideacional) e distingui-los dos que contavam com o posicionamento de Nogueira (interpessoal).

Assim, essa delicadeza de minúcias que constroem o perfil do par central do conto tem o apoio da noção de avaliatividade, que por meio das metarrelações, que ora confirmam, ora se opõem, ora transformam as avaliações, possibilita uma leitura relacional que não só a avaliação interna –

que projeta a visão interior e os sentimentos do personagem, mas também externa – que verbaliza as visões e os sentimentos do personagem.

Além disso, a noção de intersubjetivismo faz entender os desencontros de interpretação dos fatos por Nogueira, mostrando que, dependendo do *frame* que o interlocutor traz para a situação de diálogo, o mesmo acontecimento pode sofrer diferentes leituras.

As escolhas lexicogramaticais, tão caras para a LSF, apontam para processos em geral materiais para Conceição – mais ativa nas suas investidas, digamos assim, sensuais – e mais mentais para Nogueira, em geral tomado de surpresa pelo desenrolar dos eventos daquela noite. Como não se trata de gênero primordialmente persuasivo, não há muita ocorrência de modalidade, tanto modalizações quanto modulações.

Creio que não se fala em adultério concretizado, mas sim adultério insinuado e desejado por Conceição – e os fatos levam a essa conclusão – mas não compreendido por Nogueira.

5. Considerações Finais

O objetivo deste artigo é a análise crítica das escolhas lexicogramaticais feitas no conto *Missa do Galo*, com a finalidade de desvendar o que subjaz ao diálogo que reuniu Conceição e Nogueira na véspera do Natal. A pesquisa examina duas dimensões da gramática da oração: transitividade e avaliatividade, associadas respectivamente com as funções ideacional e interpessoal da LSF, complementadas pelos conceitos de *frame* e de intersubjetividade.

Para tanto, a análise respondeu às seguintes perguntas: (a) o que podem as escolhas lexicogramaticais feitas por Machado de Assis em *Missa do Galo*, em termos das metafunções ideacional e interpessoal, revelar sobre o diálogo entre Conceição e Nogueira? (b) qual é o papel da leitura relacional e das metarrelações nesse processo? (c) que importância tem a teoria do *frame* e de intersubjetivismo para explicar o comportamento dos protagonistas?

A análise contou o apoio da metafunção ideacional que tem a função de informar, descrevendo os fatos narrados, o que é feito por Nogueira, sem, contudo, conseguir avaliar o posicionamento de Conceição nesses fatos; já a metafunção interpessoal, envolvendo a avaliatividade e a modalidade – refere-se à caracterização de Conceição bem como às sensações que Nogueira experiencia diante da proximidade que a mulher lhe proporciona.

Já a noção das metarrelações permite traçar os encontros e desencontros do par com base na avaliatividade que, aos poucos, delineia o caminho percorrido por eles, assim, a metarrelação de oposição acontece com referência ao estranhamento de Nogueira em relação ao comportamento inusitado de Conceição; a metarrelação de transformação que incide na mudança de comportamento de Nogueira, que da indiferença passa a desfrutar do contato próximo à Conceição; de avaliação interna, quando, por exemplo, experiencia uma espécie de “sono magnético” ou quando a percebe como sendo “lindíssima”.

A importância do *frame*, o conhecimento sobre determinado assunto, responde pela impossibilidade de entendimento entre Conceição e Nogueira, no

MONTINEGRO, Maria do Socorro Suzano. *Missa do Galo*, de Machado de Assis, e a avaliatividade implícita sob o enfoque da linguística sistêmico-funcional. *Revista Intercâmbio*, v.LI: 01-15, 2022. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

encontro que a vida lhes proporciona de partilhar algumas horas em uma noite de Natal.

A Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004), permitiu, por meio das metafunções ideacional e interpessoal – aqui envolvendo a avaliatividade (MARTIN, 2000) – relacionar as escolhas lexicogramaticais feitas na microestrutura do texto à macroestrutura do discurso, elucidando seus sentidos implícitos e possibilitando a leitura do texto nas suas subjacências, para revelar a camuflada intenção do autor.

Referências bibliográficas

ASSIS, M. *Missa do Galo*. In: PROENÇA-FILHO, D. *Melhores contos*. São Paulo: Global, 2010.

BEDNAREK, M. A. Frames revisited – the coherence-inducing function of frames. *Journal of Pragmatics*, 37.5: 685-706, 2005.

DU BOIS, J. Taking a stance: constituting the stance differential in dialogic interaction. *Annual Meeting of the American Anthropological Association*, San Francisco, 2000.

DU BOIS, J. Stance and consequence: *Annual Meeting of the American Anthropological Association*, New Orleans, 2002.

DU BOIS, J. The intersubjectivity of interaction. *The Tenth Biennial Rice University Symposium on Linguistics: "Stancetaking in Discourse: Subjectivity in Interaction"*, Rice University, 2004.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e Mudança Social*. Brasília: UnB, 2001.

FOWLER, R. et al. *Language and control*. London; Boston; Henley: Routledge & Kegan Paul, 1979.

FOWLER, R. *Language in the news*. London: Routledge, 1991.

HALLIDAY, M. A. K. *Language as a social semiotic: the social interpretation of language and meaning*. London: Edward Arnold, 1978.

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to Functional Grammar*. London: Arnold, 1994.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. *An introduction to Functional Grammar*. London: Arnold, 2004.

HODGE, R.; KRESS. G. *Social Semiotics*. New York: Cornell Up, 1988.

HOLLOWAY, I. *Basic Concepts for Qualitative Research*, London: Blackwell Science, 1997.

MONTINEGRO, Maria do Socorro Suzano. *Missa do Galo*, de Machado de Assis, e a avaliatividade implícita sob o enfoque da linguística sistêmico-funcional. *Revista Intercâmbio*, v.LI: 01-15, 2022. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

KÄRKKÄINEN, E. Stance taking in conversation: From subjectivity to intersubjectivity. *Text & Talk*, 26.6: 699-731, 2006.

KITIS, E.; MILAPIDES, M. Read it and believe it: How metaphor constructs ideology in news discourse. A case study. *Journal of Pragmatics*, 28: 557-590, 1997.

KRESS, G.; HODGE, R. *Language as Ideology*. London: Routledge and Kegan Paul, 1979.

LI, J. Transitivity and Lexical Cohesion: Press Representations of a Political Disaster and its actors. *Journal of Pragmatics*, 42.12: 3444-3458, 2010.

MACKEN-HORARIK, M. *Appraisal and the special instructiveness of narrative*. *Text*, 23.2: 285-312, 2003.

MARTIN, J. R. Beyond Exchange: Appraisal system in English. In: HUNSTON, S.; THOMPSON, G. *Evaluation in text: authorial stance and the construction of discourse*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

MARTIN, J. R.; MATTHIESSEN, M. I. M.; PAINTER, C. *Developing Functional Grammar extensively revised*. Shanghai: The Commercial Press, 1997.

MINSKY, M. "A Theory of Systemic Fragility". In: ALTMAN, E. I.; SAMETZ, A. W. (org.) *Financial Crises: Institutions and Markets in a Fragile Environment*. Nova York: John Wiley and Sons, 1977.

MOISÉS, M. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 2004.

MOISÉS, M. *A análise literária*. São Paulo: Cultrix, 2007.

THOMPSON, G. Resonance in text. In: SANCHEZ-MACARRO, A; CARTER, R. (org.) *Linguistic choice across genres: Variation in spoken and written English*. Amsterdam: John Benjamins, 1998.

UNGERER, F.; SCHMID, H. *An Introduction to Cognitive Linguistics*. London: Longman, 1996.

Recebido em: 13/10/2021
Aprovado em: 05/05/2022